

qüência. A dificuldade está em reconciliar essas conseqüências com a impermanência de um "agente" capaz de colher o que plantou.

GOVINDA: — Existe um agente, porém não estático. Quer dizer, toda pessoa é a corporificação de uma força vital. Entretanto, essa força é algo fluido, algo em crescimento, em desenvolvimento, de sorte que não podemos afirmar que haja um agente circunscrito — existente em si, separado do resto. E mais: podemos falar de nossas psiques, não podemos?

WEBER: — Esse é o problema, lama. Ainda que aceitemos que esse o-que-quer-que-seja mantenha coerência com intentos e propósitos, e que não é coisa nem substância, permanece a dificuldade em reconciliar tal noção com a do carma e responsabilidade por uma vida pregressa — aquilo que foi posto em movimento e ora atua em "minha" vida.

GOVINDA: — Aquilo que você chama "sua" vida é, por assim dizer, sua linha de desenvolvimento contínuo. Ou seja, você tem uma manifestação diferenciada de sua energia vital que caminha numa linha consecutiva, distinta de todas as outras linhas — mas, enquanto força em si, semelhante. Isso quer realmente dizer que é, ao mesmo tempo, diferente e semelhante.

WEBER: — É difícil entender isso.

GOVINDA: — Bem, digamos que todos os seres humanos são seres humanos, mas, ao mesmo tempo, que cada ser humano é diferente dos demais: temos aqui unidade e diversidade. Esses dois pólos da existência coexistem sempre, não podemos ter um sem o outro.

WEBER: — De forma que o senhor não vê nenhum conflito entre a idéia de *anatman* — de que não há nenhuma substância anímica, como postulam os hindus — e a atribuição de responsabilidade cármica pessoal?

GOVINDA: — Não. Você é responsável por sua linha de ação e desenvolvimento. Falar de justiça é outra coisa. Podemos abordá-la dentro de nosso próprio quadro referencial. Mas é impossível moralizar a respeito da natureza ou ampliar nossas noções éticas para o domínio da natureza.

WEBER: — Os terremotos, por exemplo, não podem ser "injustos".

GOVINDA: — Precisamente. Nem podemos afirmar que tal acontecimento tenha algo a ver com o carma. As forças

naturais atuam de acordo com sua própria natureza. Não são boas ou más, justas ou injustas.

WEBER: — Em física, fala-se atualmente em "perfil de uma partícula", o que viria a ser sua história de trocas energéticas. Isso lembra bastante o que o senhor está dizendo.

GOVINDA: — Sim. Reconheço que os conceitos avançados da física podem conduzir-nos a uma compreensão maior da questão como um todo. É muito interessante, digamos, o fato de errarmos mais quanto mais lógicos nos mostrarmos na física moderna. Isso demonstra os limites de nossa lógica. De fato, muitas vezes o universo nos parece irracional porque aplicamos nossa lógica a algo que não pertence à mesma categoria. Nunca podemos dizer onde uma partícula está e o que faz, de modo que só nos resta adivinhar ou defini-la, ora como partícula, ora como onda. No entanto, não é nem uma coisa nem outra, mas ambas.

O senhor perguntou sobre a "lógica" da reencarnação. Não sei se podemos reduzir a idéia de reencarnação à lógica pura. Uma vez que nossas origens são infinitas, como infinitas são as causas, as combinações, necessariamente também são. É impossível explicar tais coisas com a nossa lógica linear, pois causa e efeito, do ponto de vista universal, são multidimensionais. No *Lankavatara sutra*, impressionei-me com a descrição de carma como "energia do hábito". Uma vez feita determinada coisa, somos impelidos a repeti-la em circunstâncias semelhantes. Trata-se mesmo de uma energia do hábito, e, no momento em que abandonamos esse hábito, ela desaparece.

SELLON: — É também uma questão de percepção, não? A partir do instante em que percebemos as coisas diferentemente, elas se tornam diferentes para nós.

GOVINDA: — Também. A coisa toda, na verdade, é muito sutil. Vou além e identifico carma com caráter, porque nossa atitude é o nosso caráter.

SELLON: — Portanto, a lei do carma não é mecânica.

GOVINDA: — De modo algum. Veja, muitas pessoas gostam de pensar numa espécie de vingança universal.

SELLON: — Ainda que eu não possa puni-lo, o universo o fará!

GOVINDA: — Carma é um termo muito genérico, que pode significar diferentes coisas. No jainismo, o carma seria o efeito de um ato, qualquer ato, sem levar em conta o que possa existir por trás dele. No budismo, entretanto, o carma implica necessariamente volição.